

ANÁLISE SOCIODEMOGRÁFICA E DE GÊNERO DO TRABALHO POR CONTA PRÓPRIA EM DOMICÍLIO NO BRASIL, 1992-2008

GENDER AND SOCIO-DEMOGRAPHIC ANALYSIS OF THE SELF-EMPLOYMENT AT HOME IN BRAZIL, 1992-2008

Edmar Augusto Santos de Araujo Junior^()*

RESUMO

Este artigo tem por objetivo a análise comparativa e descritiva do perfil sociodemográfico do trabalhador por conta própria em domicílio, feminino e masculino, no Brasil, a partir da utilização dos microdados da PNAD de 1992 a 2008. Este artigo está dividido em quatro seções, além da introdução e das considerações finais. A primeira seção aborda as considerações conceituais do trabalho baseado em domicílio. Na segunda, o trabalho baseado em domicílio é analisado pela posição na ocupação e, em seguida, na terceira seção, analisa-se a razão de sexos do trabalho por conta própria em domicílio. Na última seção, apresenta-se a análise descritiva das características sociodemográficas entre os sexos deste tipo de ocupação. As variáveis sociodemográficas investigadas foram: faixa etária, condição no domicílio, cor ou raça, anos de estudo, rendimento mensal, ramo de atividade e contribuição à Previdência. Os resultados da análise empírica revelaram um cenário em que as mulheres estão situadas historicamente em condições socioeconômicas inferiores, possivelmente pela divisão sexual e de gênero do trabalho.

Palavras-chave: Trabalho baseado em domicílio; Economia informal urbana; Trabalho por conta própria em domicílio; Análise sociodemográfica de gênero.

ABSTRACT

The present study analyzes comparatively the demographic profile, between genders, of home based work on their own in Brazil from 1992 to 2008. PNAD's micro data from 1992 to 2008 indicated by socio-demographic variables as: age, household condition, color or race, years of schooling, monthly income, type of activity and contribution to Social Security. The results of the empirical analysis revealed a scenario in which women are historically located in lower socioeconomic conditions, possibly due to sexual and gender division of labor.

Keywords: Home-based work, Urban Informal Economy, Self-employment at home, Socio-demographic analysis of gender.

(*) Mestre em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais pela ENCE/IBGE e, atualmente, pesquisador do IPHAN-RJ. E-mail: <edmardearaujo@yahoo.com.br>.

O conceito sobre trabalho baseado em domicílio presente nas Convenções da OIT (Organização Internacional do Trabalho) aponta que os trabalhadores incluídos nessa categoria podem se inserir em dois grupos distintos: a) os trabalhadores subordinados ou mantidos com algum grau de dependência aos empregadores, tais como os empregados com carteira de trabalho assinada e os empregados sem carteira assinada; b) os trabalhadores que não possuem nenhuma relação de subordinação ou vínculo de trabalho com empregadores, como os autônomos e por conta própria, que são considerados trabalhadores independentes (OIT, 1996).

De acordo com estas definições, trabalhadores com graus distintos de dependência com seus contratantes estão na mesma categoria que trabalhadores independentes (autônomos e conta própria) por desempenharem as atividades em domicílio, no mesmo local de moradia. Por isso, essa pesquisa busca contribuir com estudos sobre trabalho baseado em domicílio, considerando apenas o trabalho por conta própria em domicílio na análise empírica descritiva.

O trabalho baseado em domicílio dependente, geralmente, é visto como uma forma de precariedade do emprego assalariado. Nesse caso, os trabalhadores encaram frequentemente problemas de exploração, na medida em que recebem baixa remuneração, sem seguro de contrato e cobrindo custos de produção. Enquanto que o trabalho baseado em domicílio independente é visto geralmente pela ótica da economia informal, onde os trabalhadores frequentemente encaram problemas associados à exclusão social, sobretudo dificuldades de acesso ao crédito financeiro e de fortalecimento competitivo para inserção no mercado (OIT, 2002).

O enfoque é, portanto, no trabalho baseado em domicílio independente, marcado pela ausência de regulamentação em suas relações de produção. A abordagem do trabalho baseado em domicílio tradicional está focada na relação de subordinação entre contratado e contratante ou na relação de dependência entre empregado e empregador, desconsiderando a participação do trabalhador por conta própria em domicílio (LAVINAS, 1998).

Neste sentido, este artigo busca uma contribuição aos estudos sobre mercado de trabalho informal por descrever as características sociodemográficas do trabalho por conta própria em domicílio. Trata-se de um trabalho invisível aos olhos dos formuladores de políticas públicas, por ser realizado em um local híbrido, onde “espaço de trabalho” e “espaço de não trabalho” se sobrepõem.

A pesquisa está organizada metodologicamente pela utilização e tratamento dos microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios — (PNAD). A disponibilidade desses microdados no Banco Multidimensional de Estatísticas (BME) permite uma análise temporal⁽¹⁾ desde 1992 até 2008.

A variável selecionada para mensurar o trabalho baseado em domicílio é trabalho principal, local da ocupação. Tal variável busca investigar o tipo de local ou tipo de

(1) Nos anos de 1994 e 2000, a PNAD não foi realizada, não havendo, portanto, informações para esses dois períodos na análise evolutiva.

empreendimento onde a pessoa ocupada na semana de referência exercia seu trabalho remunerado. A classificação que interessa a esta pesquisa e que serve como filtro para a sistematização das informações é no domicílio em que morava. O objeto de análise é definido como toda atividade econômica remunerada, realizada por conta própria no espaço do domicílio por qualquer membro da família, excluídos os menores de 18 anos.

Portanto, neste artigo, o tratamento dos dados é definido de acordo com os resultados preliminares sobre o trabalho baseado em domicílio. O filtro no trabalho por conta própria é justificado por ser esta a posição na ocupação preponderante desta categoria. A desagregação das informações por sexo é justificada por o trabalho por conta própria em domicílio ser uma ocupação preponderantemente feminina e, por isso, a comparação das características sociodemográficas entre os sexos torna-se importante de ser investigada. O perfil sociodemográfico foi sistematizado pelas informações de variáveis, como: faixa etária, condição no domicílio, cor e raça, anos de estudo, rendimento mensal, ramo de atividade e contribuição à Previdência, selecionadas na PNAD de 1992 a 2008.

1. TRABALHO BASEADO EM DOMICÍLIO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nesta primeira seção, serão apresentadas as considerações iniciais sobre trabalho baseado em domicílio, sobretudo algumas implicações sociológicas e transdisciplinares que aproximam o trabalho baseado em domicílio a questões como informalidade, políticas públicas etc.

Neste sentido, o ponto de partida para o estudo sobre trabalho baseado em domicílio é a compreensão do uso de um local híbrido onde o espaço para realização de atividade econômica e para moradia é sobreposto. As atividades de lazer, o ócio e o tempo livre, do ponto de vista sociológico, são opostos à concepção de trabalho, embora sejam, ao mesmo tempo, acessórios ao trabalho, na medida em que permitem repor o desgaste diário da força de trabalho (BLASS, 2004).

No caso do trabalho baseado em domicílio, as atividades produtivas estão propensas a serem diluídas no conjunto das práticas de lazer e ócio inerentes ao tempo livre, ou ao exercício do não trabalho. Essa interpenetração da atividade produtiva com a vida era típica das atividades pré-modernas, impossibilitando a separação rigorosa entre trabalho e lazer (BLASS, 2004) e, talvez, por isso, o trabalho por conta própria em domicílio apresente uma jornada de trabalho mal definida e menos concentrada por ser considerada muitas vezes como atividade de subsistência.

Nas atividades modernas, há uma separação entre local de trabalho e local de moradia, na medida em que a concepção de trabalho está orientada pelo emprego fabril no que diz respeito a salários, jornadas, sindicatos e direitos trabalhistas (BLASS, 2004). Mas, como pode ser visto pelas palavras de Hirata e Prétenceille (2002), “o declínio do mundo operário, os efeitos sociais dramáticos do desemprego e da exclusão a que isso pode conduzir (...) ao esfacelamento do assalariamento” e, conseqüentemente, a práticas precárias de trabalho onde o tempo social, dividido entre o tempo regular da jornada de trabalho e o tempo livre, aparece diluído.

As atividades de trabalho e não trabalho são bem delimitadas nas formas tradicionais do mundo do trabalho orientadas pela concepção de generalização do assalariamento nas empresas. A noção de trabalho imaginada passa a estar associada ao emprego, sendo a forma histórica que o trabalho assume nas sociedades modernas, mas o trabalho desassociado ao emprego refere-se aos sentimentos de castigo, dever moral, punição, dor e obrigação (BLASS, 2004).

Em sociedades em desenvolvimento, atividades como o trabalho por conta própria em domicílio não estão fundamentadas em uma análise sociológica que tem como referência o emprego assalariado. A oposição entre trabalho, emprego e lazer e a dicotomia entre trabalho e não trabalho, uma das dimensões teóricas da noção moderna de trabalho (BLASS, 2004), não estão postas claramente no trabalho baseado em domicílio e esse parece ser o contrassenso desta condição sócio-ocupacional cujas atividades estão deslocadas, pois são desenvolvidas no chamado mundo do não trabalho e em um local privilegiado do ócio, lazer e tempo livre.

Uma discussão mais aprofundada sobre as questões referentes ao uso da moradia como local de viver e trabalhar coaduna-se com abordagens transdisciplinares, como relações de gênero, políticas públicas e segregação socioespacial. Os trabalhadores, por exemplo, adaptam-se à ineficiência das redes de transporte urbano, à distância dos centros de trabalho e aos baixos rendimentos para realizarem suas atividades econômicas em domicílio.

A falta de emprego, de oportunidades, bem como a falta de mobilidade entre trabalho-moradia pode levar muitos trabalhadores a se apoiarem produtivamente em seus domicílios como alternativa possível de local de trabalho. O trabalho por conta própria em domicílio⁽²⁾ constitui-se em uma saída diante da impossibilidade ou rejeição de se inserir no mercado de trabalho formal, seja por razões pessoais ou conjunturais (BRUSCHINI, 1993).

O estudo sobre trabalho por conta própria em domicílio aproxima-se do debate sobre economia informal urbana e políticas públicas de empreendedorismo e formalização do trabalho, fornecendo subsídios críticos às propostas de políticas públicas de trabalho embasadas pela concepção que relaciona o trabalho por conta própria ao empreendedorismo. As condições sócio-ocupacionais do trabalho por conta própria em domicílio distanciam esses trabalhadores da concepção schumpeteriana⁽³⁾ do

(2) Oliveira, 2003, considera que muitas vezes o exercício da atividade econômica realizada no próprio domicílio faz com que muitos moradores de favelas não reconheçam essa atividade como um trabalho, contribuindo para o sub-registro da ocupação econômica desses trabalhadores no mercado informal.

(3) Joseph Alois Schumpeter (1883-1950), um dos mais importantes economistas do século XX, em seu livro *Teoria do Desenvolvimento Econômico* de 1911, relacionou o processo de desenvolvimento econômico a mudanças endógenas e descontínuas na produção de bens e serviços destacando a figura do empreendedor (ou empresário schumpeteriano) como agente fundamental do processo de desenvolvimento econômico. "(...) o novo é apenas o fruto de nossa imaginação. Levar a cabo um plano novo e agir de acordo com um plano habitual são coisas tão diferentes quanto fazer uma estrada e caminhar por ela." (Schumpeter)

empreendedor, baseado na inovação e criatividade do processo produtivo, e os aproximam da condição de integrantes do exército industrial de reserva (ARAUJO JR, 2010).

Na discussão da economia informal urbana, o trabalho baseado em domicílio é definido como unidades econômicas domiciliares cujas características principais são: produção em pequena escala, baixo nível de organização, quase inexistência de separação entre capital e trabalho e falta de barreiras à entrada no mercado. O caráter informal de uma determinada atividade refere-se à divisão técnica e social do trabalho estabelecida, mas essa divisão tende a passar também pelo número de pessoas ocupadas em cada unidade econômica (IBGE, 2003).

A expressão “setor informal” refere-se às empresas informais que não estão inseridas nas condições regulamentadas e formalizadas do mercado de trabalho, enquanto que a expressão “economia informal urbana” refere-se ao fenômeno completo da informalidade nas grandes cidades: do *status* de ocupação do trabalhador às condições socioeconômicas das unidades produtivas (FEIJÓ, 2009).

O predomínio da posição na ocupação por conta própria vem acompanhado na maioria das vezes de situações de subsistência, baixa qualificação e falta de apoio institucional, público ou privado. Porém, o trabalho baseado em domicílio também assume outras formas, cuja discussão não se limita apenas a relações maléficas para o trabalhador. Também está relacionado a uma visão otimista em que atividades rentáveis, de uma mão de obra bem qualificada e que usufrui do avanço das tecnologias informacionais, podem ser realizadas em casa pelo trabalhador em busca de melhorias no desempenho do negócio, na qualidade de vida ou para se adaptar a situações conjunturais ou pessoais (OIT, 2002).

Até mesmo sob o prisma da economia informal urbana composta em sua maior parte por atividades de subsistência, há situações vantajosas para o trabalhador, com rendimento superior a 20 salários mínimos mensais e escolaridade elevada, sobretudo para homens chefes de casa.

A discussão sobre o recorte de gênero e a condição da mulher no domicílio e no trabalho está fortemente relacionada ao debate sobre trabalho baseado em domicílio. As atividades econômicas realizadas em domicílio são mais comuns entre as mulheres, cônjuges, casadas e com filhos. O trabalho realizado em domicílio apresenta uma situação em que dois tipos de relações distintas estão em jogo: a condição no domicílio e o trabalho por conta própria (BRUSCHINI, 1993).

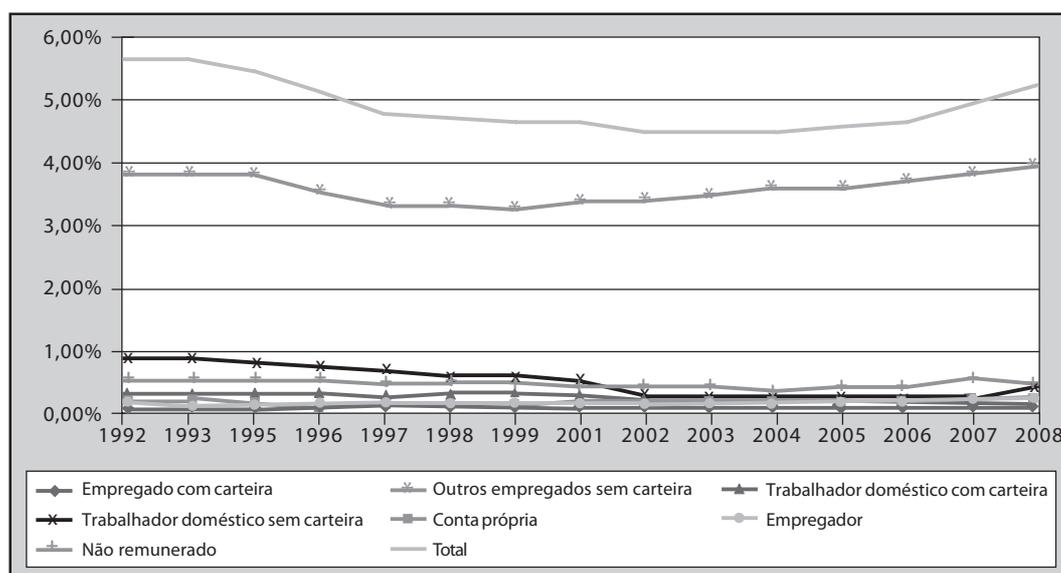
A sobreposição de espaços, domicílio e trabalho, pode entrelaçar essas relações contribuindo para a natureza predominantemente informal deste tipo de ocupação. Esta é a contradição do trabalho baseado em domicílio que associa questões e decisões dicotômicas como trabalho e lazer, família e mercado. A condição no domicílio, se o trabalhador é chefe ou cônjuge, por exemplo, relaciona-se à análise de gênero, uma vez que as mulheres são majoritariamente cônjuges e os homens, chefes.

2. TRABALHO BASEADO EM DOMICÍLIO POR POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO

Nesta seção, o objetivo inicial é dimensionar a participação, por posição na ocupação, do trabalhador baseado em domicílio na população economicamente ativa (PEA)⁽⁴⁾.

No gráfico 1, é apresentada a participação, em percentual, na PEA das posições na ocupação do trabalho baseado em domicílio no Brasil, no período de 1992 a 2008.

Gráfico 1 — Trabalhador baseado em domicílio, por posição na ocupação, em função da população economicamente ativa (PEA), Brasil — 1992 a 2008



Fonte: Banco Multidimensional de Estatística (BME), PNAD 1992 a 2008.

As posições na ocupação consideradas pela PNAD do trabalhador baseado em domicílio são: empregado com carteira, trabalhador doméstico sem carteira, trabalhador não remunerado, outros empregados sem carteira, conta própria, trabalhador doméstico com carteira e empregador. Os dados revelam que o trabalho por conta própria é a posição na ocupação mais expressiva do trabalho baseado em domicílio.

A participação do trabalhador por conta em domicílio na PEA variou entre 3% a 4%, seguindo uma tendência parecida com a participação total onde todas as posições na ocupação são somadas. A linha total refere-se ao trabalho baseado em domicílio como um todo, sem especificar sua posição na ocupação. No período considerado, a participação do trabalho baseado em domicílio na PEA variou entre 4% a 6%.

(4) Na PNAD, a População Economicamente Ativa (PEA) pode ser apreendida pela variável condição de atividade, que investiga a condição econômica de atividade da pessoa. A informação é classificada pela opção: economicamente ativa: pessoa que, no período de referência, exerceu trabalho remunerado, trabalho não remunerado, trabalho na produção para o próprio consumo ou tomou alguma providência para conseguir trabalho.

Importante destacar que a posição por conta própria inicia o período, em 1992 a 1995, com uma pequena queda seguida por outra queda mais acentuada até 1997. Após passar por dois anos de estabilidade, de 1999 até 2008, houve um crescimento constante da participação do trabalhador por conta própria em domicílio na PEA.

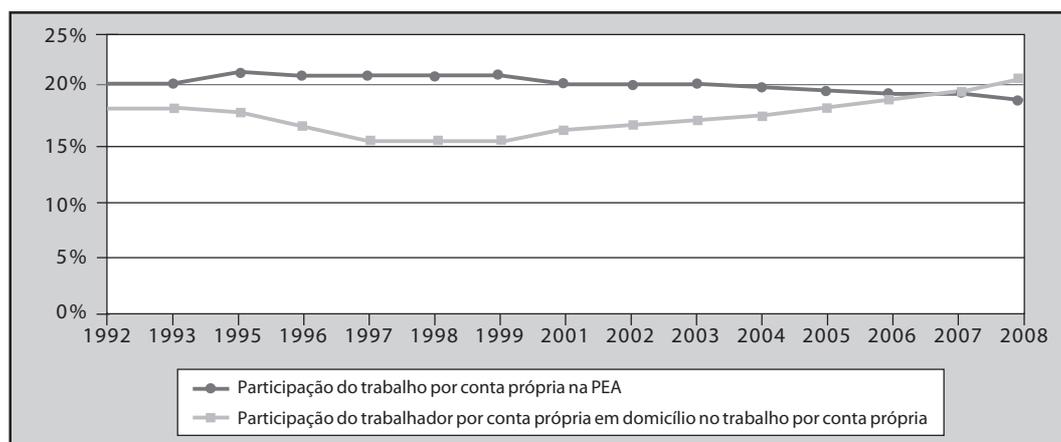
Se forem desconsiderados os não remunerados e os trabalhadores domésticos, cujo domicílio é o mesmo do empregador, obtém-se as posições na ocupação que compõem o trabalho baseado em domicílio pautado pelas relações de dependência ao empregador ou independência e autonomia, como é o caso dos empregadores e conta própria. Os empregados com carteira e outros empregados sem carteira representam a figura do trabalhador em domicílio, aquele que mantém algum tipo de relação trabalhista com o empregador (VANDENBERG, 2006).

As posições que apresentaram crescimento da participação na PEA no período de 1992 a 2008 foram os empregadores e outros empregados sem carteira. Os empregados com carteira apresentaram uma participação bem linear com pouca variação no período e os trabalhadores não remunerados apresentaram uma variação oscilando em torno de 0,4% da PEA.

Desta forma, constata-se que, no que tange à ocupação, o trabalhador por conta própria domina o trabalho baseado em domicílio e apresenta um crescimento constante em sua participação na PEA a partir de 1999. Por este motivo, este artigo se concentra na análise do trabalhador por conta própria em domicílio.

Neste sentido, no gráfico 2, é apresentada a participação do trabalhador por conta própria em domicílio no universo dos trabalhadores por conta própria e a participação de todos os trabalhadores por conta própria na PEA. O objetivo é entender como evoluiu a participação do trabalhador por conta própria em domicílio em proporção ao trabalho por conta própria como um todo e como esse evoluiu dentro da PEA no período considerado.

Gráfico 2 — Evolução das participações do trabalho por conta própria na PEA e do trabalho por conta própria em domicílio no trabalho por conta própria, Brasil — 1992 a 2008



Fonte: BME, PNAD 1992 a 2008.

Com relação à participação dos trabalhadores por conta própria na PEA, percebe-se uma redução de 21,2%, em 1995, a 18,8%, em 2008. Ou seja, cerca de 20% da população economicamente ativa no Brasil, no período considerado, era de trabalhadores por conta própria, que inicia o período em ascensão, até 1995, depois se mantém estável até 1999, quando assume uma trajetória de ligeira queda até 2008, assumindo nível mais baixo.

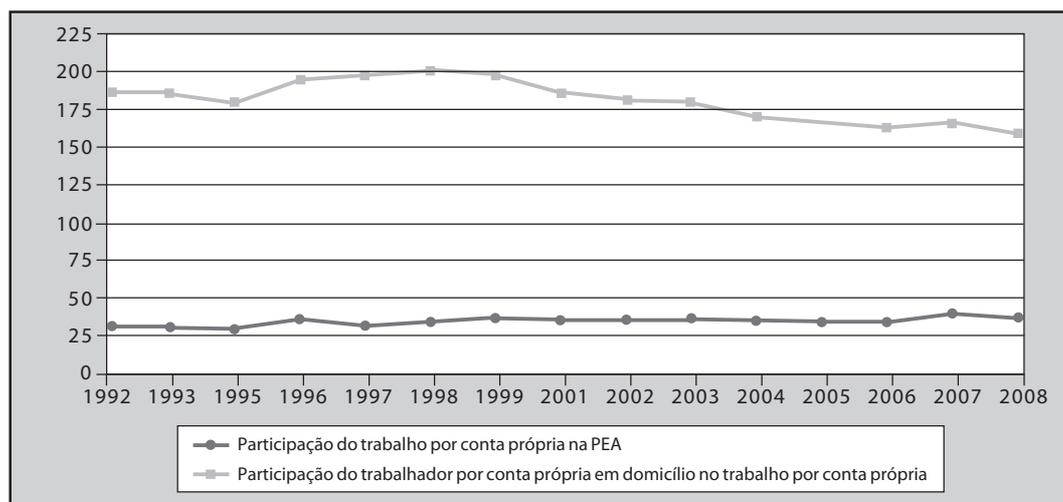
A participação do trabalhador por conta própria em domicílio entre os trabalhadores por conta própria inicia o período em queda, sendo que em 1992, 18% dos trabalhadores por conta própria no Brasil estavam baseados em domicílio. Em 1997, esta participação reduz para 15%. De 1997 a 1999, a participação se mantém relativamente estável, ainda em torno dos 15%, mas, a partir daí, há um crescimento constante de trabalhadores por conta própria baseados em domicílio, quase atingindo a marca de 21% sobre o total do trabalho por conta própria.

3. RAZÃO DE SEXO DO TRABALHO POR CONTA PRÓPRIA EM DOMICÍLIO

Nesta seção, para analisar o diferencial na participação de homens e mulheres no trabalho por conta própria em geral e em domicílio, no Brasil, utilizou-se a razão de sexos. Esta razão expressa o número de homens para cada 100 mulheres e é obtida pela divisão do número de homens pelo número de mulheres multiplicado por 100.

No gráfico 3, é apresentado o comparativo entre as razões de sexos para trabalhadores por conta própria e trabalhadores por conta própria em domicílio. A razão 100 indica uma igualdade entre os sexos em uma determinada população, os valores maiores que 100 indicam uma superioridade da população masculina e os valores menores, uma superioridade feminina.

Gráfico 3 — Razões do sexo do trabalho por conta própria e do trabalho por conta própria em domicílio, Brasil — 1992 a 2008



Fonte: BME, PNAD 1992 a 2008.

O gráfico acima revela que os homens dominam o trabalho por conta própria, mas quando este trabalho por conta própria é baseado em domicílio, são as mulheres que passam a dominar significativamente. Outra constatação pode ser apreendida no gráfico acima: o fato relevante de a participação dos homens no trabalho por conta própria em domicílio estar aumentando, como também a participação das mulheres no trabalho por conta própria não realizado em domicílio.

No que diz respeito à evolução da razão de sexo para o trabalho por conta própria em domicílio, observa-se que em 1992 havia 29 homens para cada 100 mulheres. Esta proporção cresce lentamente até 2008, quando a razão de sexos é de 36 homens para cada 100 mulheres. Ou seja, a cada três mulheres, há um homem no trabalho por conta própria em domicílio.

Com relação à razão de sexos para os trabalhadores por conta própria, percebe-se que a participação masculina, embora venha declinando no período, ainda é bastante superior à feminina. Em 1992, a razão era de 183 homens para cada 100 mulheres. Ela se mantém relativamente estável até 1995, mas, a partir daí, cresce até 1998, quando atinge a marca de 199 homens para cada 100 mulheres, ou seja, o dobro. Já em 1999 a razão de sexos dos trabalhadores por conta própria começa a declinar até 2008, quando atinge a razão de 158 homens para cada 100 mulheres, demonstrando que a superioridade masculina em relação à feminina no trabalho por conta própria é menor que a superioridade feminina no trabalho por conta própria em domicílio.

4. ANÁLISE DESCRITIVA DAS CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS DO TRABALHO POR CONTA PRÓPRIA EM DOMICÍLIO ENTRE OS SEXOS

O domínio feminino no trabalho por conta própria em domicílio, constatado pelos dados da PNAD, direciona a análise descritiva nesta seção, desagregando as variáveis sociodemográficas para homens e mulheres. O objetivo é identificar as diferenças da ocupação do trabalho por conta própria em domicílio entre os sexos para compreender como a divisão sexual e de gênero do trabalho diferencia o trabalho por conta própria em domicílio feminino e masculino.

Neste sentido, Kon (2000) argumenta que as funções reprodutivas legadas às mulheres casadas as conduzem a procurar conjugar suas atividades produtivas com atividades domésticas. A possibilidade de desempenhar suas atividades profissionais em casa serve como um estímulo para seu engajamento no trabalho baseado em domicílio. Com isso, as desigualdades entre os gêneros no que tange ao trabalho são aprofundadas com o trabalho baseado em domicílio.

Já Bruschini (1993) destaca que o papel produtivo feminino é considerado muitas vezes como complementar ao papel masculino, em virtude da concepção sociocultural da divisão sexual do trabalho que define a domesticidade das atividades de cuidar, ensinar, costurar etc. No setor informal, as disparidades entre homens e mulheres não podem ser minimizadas por meio do registro de carteira assinada e benefícios previdenciários, fazendo com que o papel produtivo feminino seja diluído no mito da “dona de casa”.

Desta forma, a seguir, serão apresentadas as variáveis sociodemográficas: idade média, condição no domicílio, cor ou raça, anos de estudo, rendimento mensal, ramo de atividade e contribuição previdenciária escolhidas para a análise descritiva e comparativa a fim de constatar os diferenciais sociodemográficos entre os sexos.

4.1. Faixa etária e idade média

O perfil etário da trabalhadora por conta própria em domicílio envelheceu de 1992 a 2008 no Brasil. Em 1992, mais da metade dessas trabalhadoras estavam representadas por duas faixas somadas, entre 25 a 44 anos. Em 2008, quase 50% delas estavam entre outras duas faixas de 35 a 54 anos. A faixa etária de destaque com a maior participação é a de 34 a 45 anos. Em 2008, 25% dessas trabalhadoras tinham esta faixa de idade. Outra faixa que teve crescimento considerável foi a faixa de 55 a 64 anos, representando 17% do total ao final do período (ARAÚJO JR., 2010).

A distribuição por faixa etária masculina revela um quadro muito parecido com o feminino onde a faixa mais representativa no período é a mesma, de 35 a 44 anos, e as três faixas mais velhas aumentam sua participação e as três faixas mais novas diminuem. Há também um envelhecimento do trabalhador ao longo do período, sendo que os trabalhadores masculinos têm maior representatividade nas faixas de maior idade, inclusive na de 65 anos ou mais, indicando que eles são mais velhos que as mulheres quando estão desempenhando trabalho por conta própria em seus domicílios (ARAÚJO JR., 2010).

No gráfico 4, é apresentada a evolução da idade média no período para homens e mulheres; percebe-se que, de fato, os trabalhadores por conta própria em domicílio masculino têm idade média maior que o feminino. Destaca-se ainda o processo de envelhecimento com o aumento de idade contínuo para ambos os sexos.

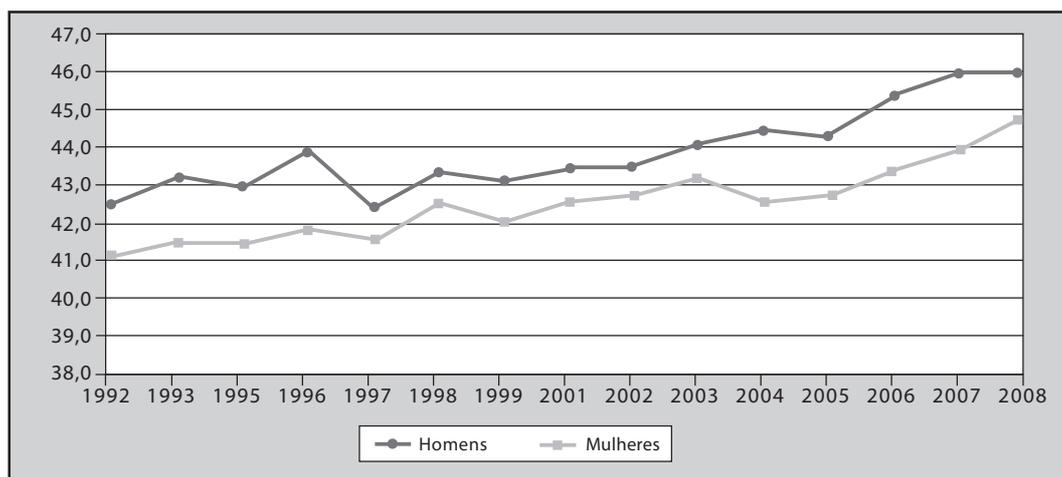


Gráfico 4 — Evolução da idade média do trabalhador por conta própria em domicílio masculino e feminino, Brasil

Fonte: BME, PNAD 1992 a 2008.

4.2. *Condição no domicílio*

A seguir, será apresentada a variável condição no domicílio⁽⁵⁾ que está de acordo com a abordagem teórica que estuda o trabalho baseado em domicílio pela lógica da divisão sexual e de gênero do trabalho. As mulheres culturalmente tendem a se manter em ocupações complementares de renda na família e, por isso, estão sobrerrepresentadas em atividades precarizadas.

A maior participação feminina neste tipo de ocupação justifica-se pela maior atenção dada por elas aos afazeres domésticos, aos cuidados com os filhos, possibilitando conjugar essas tarefas familiares com atividade economicamente rentável que sirva principalmente ao complemento de renda da família, característica típica da condição de cônjuge no domicílio. A possibilidade de conciliar trabalho com a rotina doméstica, pela independência de horário estabelecido, traz à tona elementos, como a divisão sexual do trabalho e as relações de gênero (EHLERS, 1998).

Ehlers (1998) argumenta que a divisão sexual do trabalho aparece em determinados contextos socioculturais em que as mulheres tendem a dar mais atenção ao exercício de suas funções reprodutivas, como os cuidados domésticos e familiares, do que ao exercício de suas atividades profissionais. A atividade econômica feminina é vista como complementar ao do marido, fazendo com que as mulheres se dediquem a negócios pouco rentáveis, de baixa escala e reduzida capitalização.

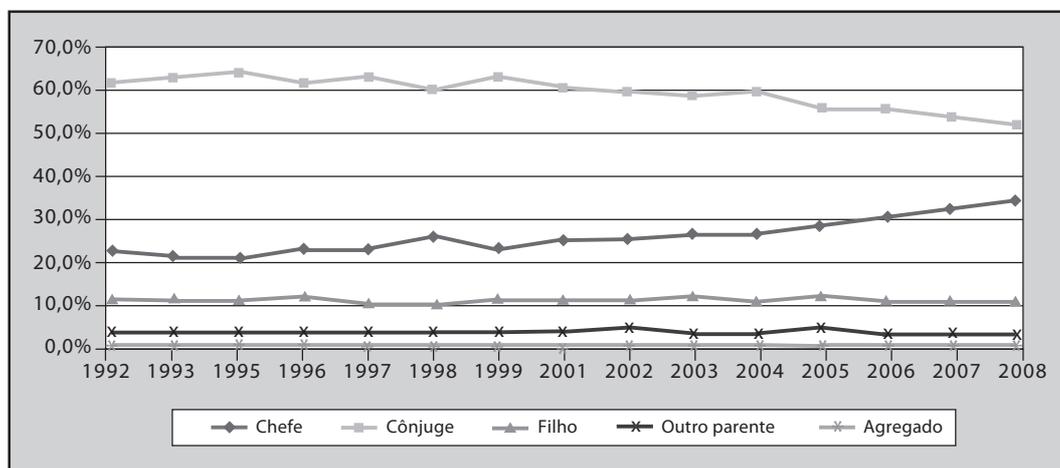
Verificar a condição no domicílio deste tipo de ocupação é importante, pois as atividades dos cônjuges são consideradas inferiores em rendimento às atividades dos chefes no orçamento familiar. A divisão de gênero do trabalho, que culturalmente relaciona as mulheres às atividades de pouco reconhecimento social, dificulta a passagem da mulher da condição de cônjuge para a de chefe do domicílio (GHAFUR, 2002).

De acordo com Ghafur (2002), no trabalho por conta própria em domicílio essa situação fica ainda mais evidente, pois elas são coadjuvantes em seu próprio negócio. As atividades teoricamente tendem a não ser bem-sucedidas, pois sendo atividades complementares da renda familiar, a cultura patriarcal tende a não aceitar a prosperidade das atividades econômicas femininas.

No gráfico 5, apresenta-se a distribuição feminina no trabalho por conta própria em domicílio pela condição no domicílio.

(5) A variável Condição no domicílio corresponde à relação de convivência entre cada morador e o responsável pela unidade domiciliar.

Gráfico 5 — Distribuição do trabalho por conta própria em domicílio feminino, por condição no domicílio, Brasil



Fonte: BME, PNAD 1992 a 2008.

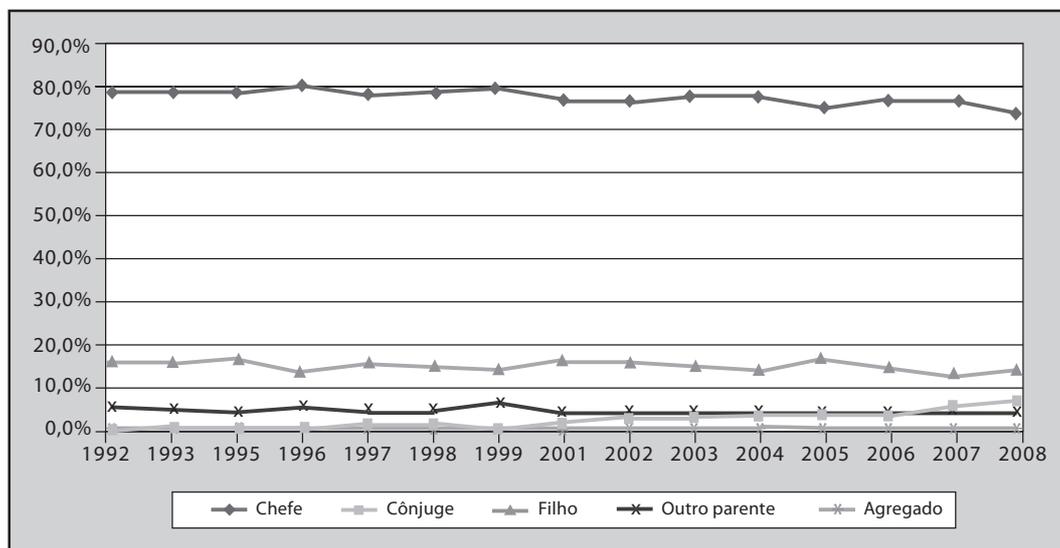
A análise do gráfico acima revela que as três condições menos expressivas representadas por filho, outro parente e agregado permanecem com pouquíssima variação ao longo do período, seguindo praticamente constante. Cerca de 10% das trabalhadoras por conta própria em domicílio, no período, são filhas na condição no domicílio em que residem e trabalham.

Percebe-se ainda que as mulheres, em sua maioria, desempenham o papel de cônjuge no domicílio, 62% em 1992 baixando para os 52% em 2008, enquanto que as chefes iniciaram com 22% e terminaram com 34%. O aumento da participação de trabalhadoras por conta própria em domicílio que são chefes em seus domicílios aponta um ponto importante de investigação.

As informações do gráfico 5 podem estar indicando um cenário de mudança nesta perspectiva da desigualdade de gêneros no trabalho baseado em domicílio no Brasil. Mas o crescimento de chefes pode ser explicado não só pelo sucesso destas atividades femininas, mas também pela dificuldade dos maridos das trabalhadoras por conta própria em domicílio no mercado de trabalho.

O gráfico 6 apresenta as informações sobre a distribuição masculina na condição no domicílio de trabalhadores por conta própria em domicílio. Nota-se a preponderância absoluta de chefes de domicílio, que iniciaram o período em 1992 com quase 80% sobre o total. A partir de 1999, há uma diminuição gradativa na participação dos chefes que terminam o período com 73% do total.

Gráfico 6 — Distribuição do trabalho por conta própria em domicílio masculino, por condição no domicílio, Brasil



Fonte: BME, PNAD 1992 a 2008.

Importante ressaltar que o cônjuge inicia o período em 1992 aumentando constantemente até atingir os 7% em 2008. O filho, como condição no domicílio, representa o segundo maior destaque com uma variação muito pequena sempre em torno dos 15% do total. Outro parente também tem um desempenho bem linear no período sempre próximo aos 3% e a condição de agregado só apresenta observações em 2008, quando representa 0,4% do total de trabalhadores por conta própria em domicílio.

4.3. Cor ou raça

A seguir, são apresentados os gráficos relativos à participação do trabalho por conta própria em domicílio na população, por cor ou raça. O objetivo é considerar a variação da população brasileira por cor no período de 1992 a 2008, bem como identificar a participação de cada cor no trabalho por conta própria em domicílio no total da população brasileira por cor.

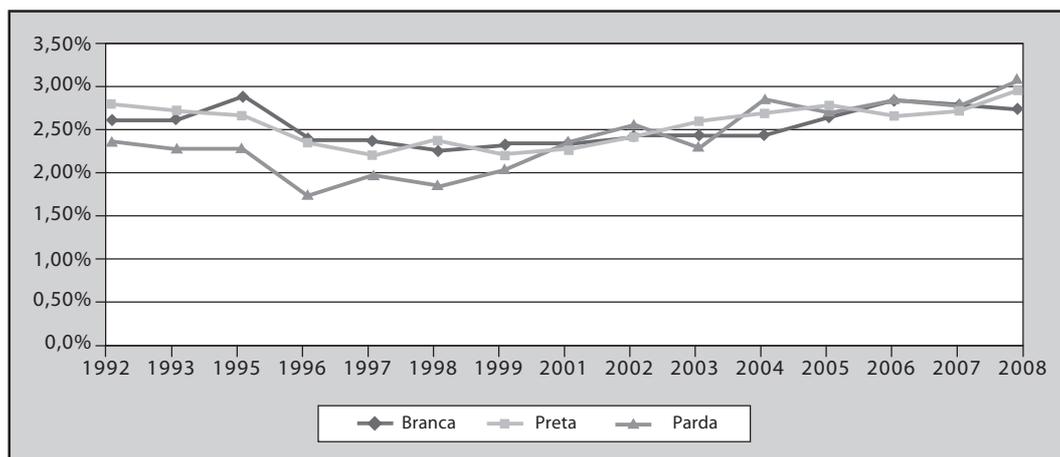
A escolha da variável cor e raça nesta análise descritiva justifica-se pela desigualdade racial no mercado de trabalho no Brasil, tema em diversos estudos, sobretudo, na obra de Telles⁽⁶⁾ (2003) que confirmou que os “negros” (“pretos” e “pardos”) estão sobrerrepresentados entre os pobres, ao passo que os “brancos” estão concentrados nas classes de renda mais elevadas.

(6) Telles afirma que as disparidades raciais aumentam no topo da estrutura social e que mesmo o processo de industrialização e urbanização brasileira foi capaz de diminuí-las. Segundo o autor, o aumento da competitividade no mercado de trabalho com a modernização das forças produtivas a partir dos anos de 1950 no Brasil não foi capaz de diminuir as desigualdades raciais por causa do preconceito.

Desta forma, nesta pesquisa, buscou-se avaliar possíveis predomínios de determinada cor ou raça no trabalho por conta própria em domicílio, visto que esta é uma ocupação que apresenta predominantemente baixas qualificações e remunerações. Foram consideradas apenas as cores: branca, parda e preta, pois foram as mais representativas e as únicas com numeradores significantes, sendo desconsideradas desta análise a amarela e a indígena.

No gráfico 7 abaixo, apresenta-se a participação feminina do trabalho por conta própria em domicílio em cada cor ou raça. Os resultados da análise temporal indicam que esta participação é bastante semelhante nas três cores consideradas. A cor preta, a partir de 2001, segue oscilando de perto com brancas e pardas, demonstrando que entre 2,5% a 3,0% de cada cor na população brasileira é composta por trabalhadoras baseadas em domicílio por conta própria.

Gráfico 7 — Participação do trabalho por conta própria em domicílio feminino na população feminina, por cor ou raça, Brasil

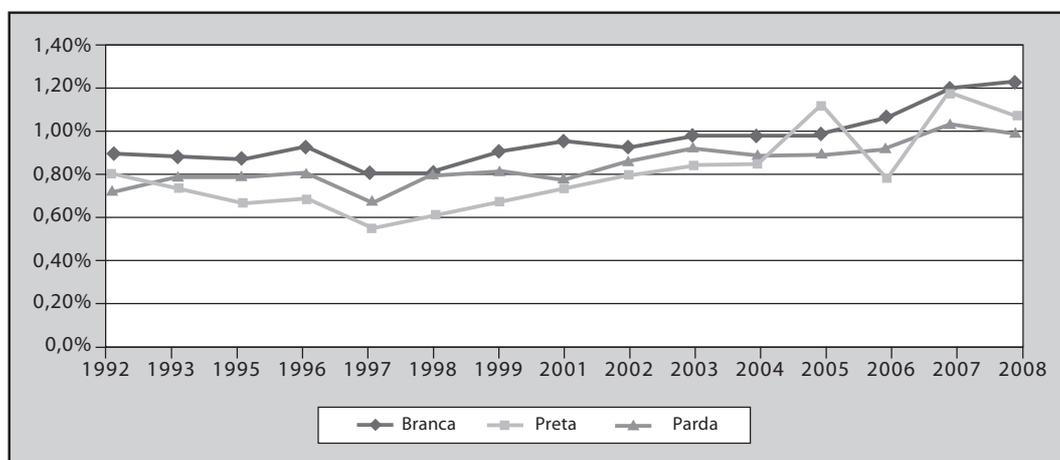


Fonte: BME, PNAD 1992 a 2008.

No gráfico 8, a seguir, é apresentada a participação masculina do trabalho por conta própria em domicílio nas três cores ou raças consideradas. Percebe-se que, neste caso, há um crescimento proporcional entre as cores a partir de 1997. Mantém-se o domínio de brancos, pardos e pretos, nesta ordem, embora em alguns anos haja uma mudança não sustentada de posições, indicando que os pretos podem ter uma variação maior na participação do trabalho por conta própria em domicílio.

Nota-se ainda que a participação do trabalho por conta própria em domicílio masculino é menor na população brasileira por cor ou raça do que aquela apresentada pelas mulheres, uma vez que de fato esta ocupação é predominantemente feminina. Pouco mais de 1,2% dos brancos da população brasileira em 2008 era composta por trabalho por conta própria em domicílio, indicando que esta cor é a mais representativa para os homens neste tipo de ocupação.

Gráfico 8 — Participação do trabalho por conta própria em domicílio masculino na população feminina, por cor ou raça, Brasil



Fonte: BME, PNAD 1992 a 2008.

A análise de cor ou raça do trabalho por conta própria em domicílio nesta perspectiva permite considerar se o número de pessoas ocupadas neste tipo de atividade acompanha o crescimento da população por cor ou raça. Permite ainda verificar a divisão proporcional do trabalho por conta própria em domicílio feminino na população por cor ou raça. Entre as mulheres, as linhas no gráfico seguem oscilando bastante ao longo do período, mas entre os homens, percebe-se que o trabalho por conta própria em domicílio apresenta proporção ligeiramente maior entre os brancos, seguidos dos pardos e pretos.

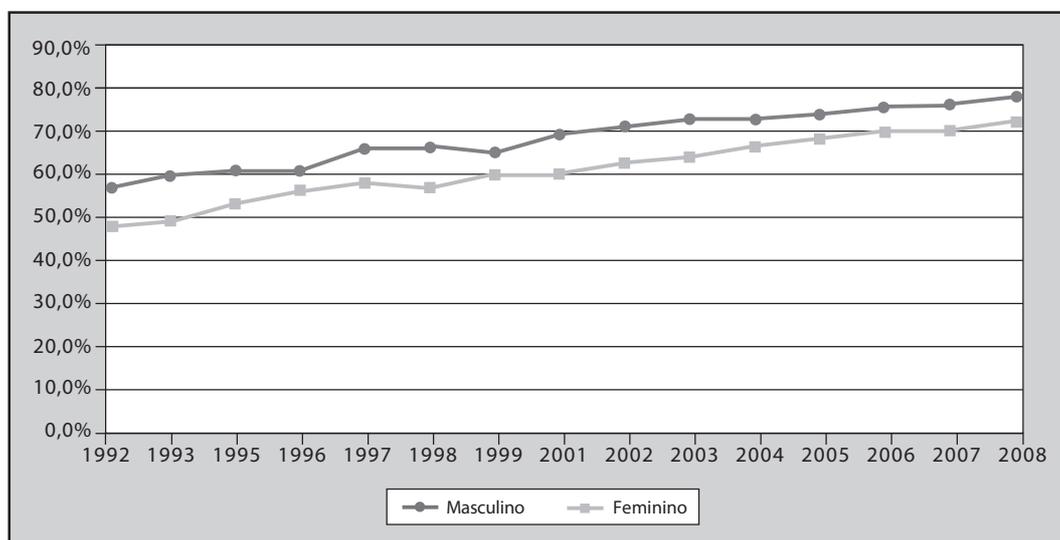
4.4. Anos de estudo

No próximo gráfico, é apresentada uma variável importante para a análise socioeconômica do trabalho por conta própria em domicílio. A variável, anos de estudo, constitui-se em um indicador quanto ao nível de qualificação do trabalhador e geralmente apresenta uma relação positiva com o rendimento.

De acordo com as informações, os homens apresentam mais anos de estudo quando comparados às mulheres, pois eles têm maior representatividade nas classes de maiores anos de estudo. A evolução da média anual dos anos de estudo entre homens e mulheres, apresentada no gráfico 9, mostra de fato que os homens apresentam mais anos de estudo em todo o período que as mulheres.

A evolução vista pelas linhas mostra que ambas crescem de forma constante e proporcional, sendo que a partir de 2005 essas linhas seguem paralelas: os homens iniciam o período próximo da média anual de 6 anos de estudo e terminando em 2008 com quase 8 anos, as mulheres tiveram crescimento passando de 5 para pouco mais de 7 anos.

Gráfico 9 — Evolução dos anos médios de estudo do trabalho por conta própria em domicílio, Brasil



Fonte: BME, PNAD 1992 a 2008.

4.5. Rendimento mensal

No próximo gráfico, é apresentada a distribuição do trabalho por conta própria em domicílio por meio da variável rendimento mensal. A evolução dos níveis de renda mensal entre os sexos fornece a compreensão da divisão de gênero, no trabalho e no domicílio, e a possível relação da renda com anos de estudo e condição no domicílio.

As informações de rendimento mensal nos anos de 1992 a 1996 foram retiradas, pois neste período houve a troca de moeda, com o Plano Real em 1994, que alterou a expressão de valor do salário mínimo, fornecendo resultados estatísticos pouco confiáveis. Por isso, o período considerado para esta variável é de 1997 a 2008.

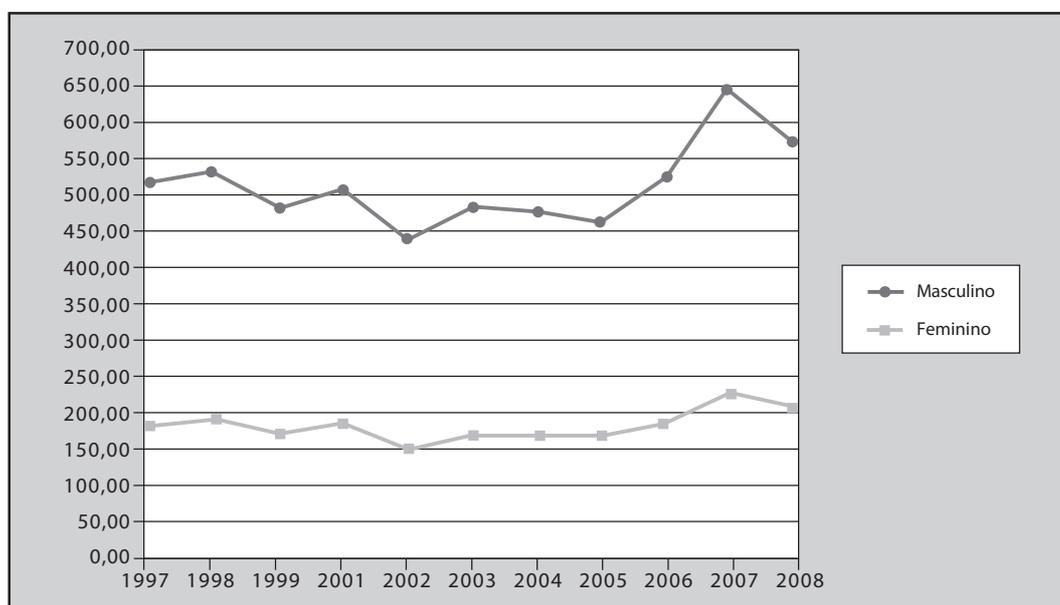
As mulheres estão em sua maioria representadas pela classe de rendimento mais baixa: a de até $\frac{1}{2}$ salário mínimo. A comparação dos resultados entre os sexos confirma o diferencial de renda entre homens e mulheres pela divisão de gênero do trabalho⁽⁷⁾. Os homens apresentam uma distribuição mais equilibrada entre as classes, não estando sobrerrepresentados, como as mulheres, nas duas classes de renda mais baixas. Esse perfil heterogêneo dos homens pode ser expresso pela participação de algo em torno de 5% do total, no período, nas duas classes de rendimento mais elevadas com mais de 10 salários mínimos (ARAUJO JR., 2010).

(7) Pela divisão de gênero do trabalho, nota-se que as mulheres se dedicam mais às atividades domésticas ao passo que os homens às atividades profissionais e, por isso, o rendimento masculino é geralmente superior ao feminino (Kon, 2000).

No gráfico 10, é apresentado o rendimento médio mensal deflacionado, em reais, com os rendimentos nominais da série anual corrigidos pelo IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo). Os rendimentos nominais foram divididos por deflatores, calculados segundo o IPCA anual, tomando o ano de 1997 como base. O objetivo foi considerar o impacto da inflação na evolução temporal do rendimento médio mensal do trabalho por conta própria em domicílio.

Nota-se que o rendimento médio mensal masculino é mais do que o dobro do que o feminino em todo o período. O rendimento masculino no período teve uma variação entre 450 a 650 reais e o feminino entre 150 a 240 reais. Vale considerar o crescimento mais acentuado para os homens nos anos de 2005 a 2007.

Gráfico 10 — Evolução do rendimento médio mensal deflacionado do trabalho por conta própria em domicílio, Brasil



Fonte: BME, PNAD 1997 a 2008.

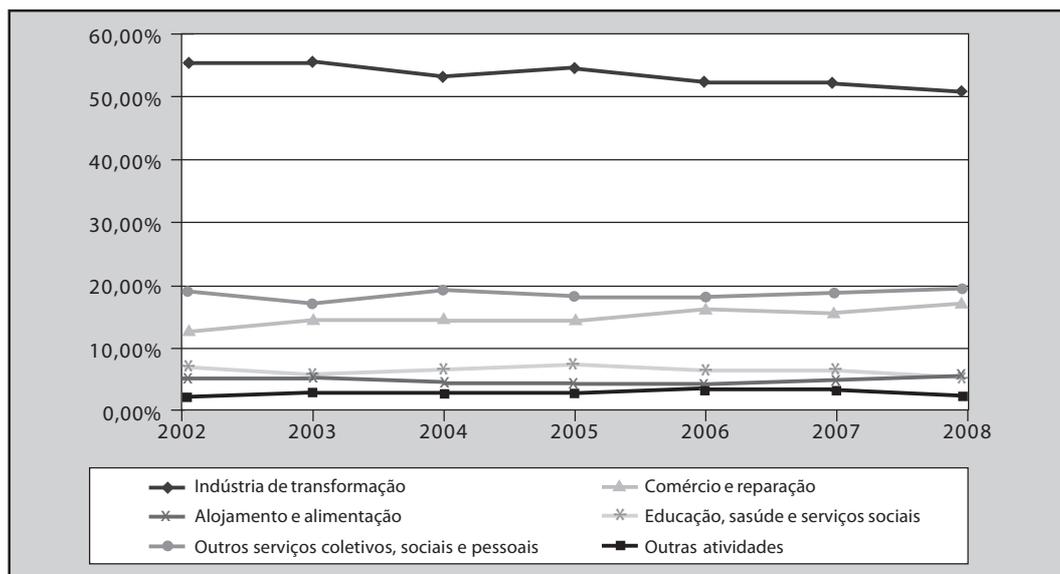
4.6. Ramo de atividade

Nos dois próximos gráficos, é apresentada a distribuição do trabalho por conta própria em domicílio por ramo de atividade⁽⁸⁾, desagregando os dados por sexo. O período considerado é de 2002 a 2008, porque a CNAE (Classificação Nacional das Atividades Econômicas) passou a ser utilizado nas PNADS a partir de 2002,

(8) Ramo de atividades, pesquisadas a partir de 2002, de negócio da organização, empresa ou entidade cujas atividades para o trabalho por conta própria em domicílio, desagregando por sexo, são: indústria de transformação, construção, comércio e reparação, alojamento e alimentação, transporte, armazenagem e comunicação, educação, saúde e serviços sociais, uótroos serviços coletivos, sociais e pessoais e outras atividades.

inviabilizando uma comparação confiável entre os ramos de atividade anteriores a 2002. Vale ressaltar que a variável que fornece as informações para o período de 1992 a 2001 apresenta as informações das atividades econômicas de forma diferente.

Gráfico 11 — Distribuição do trabalho por conta própria em domicílio, feminino por ramo de atividade, Brasil



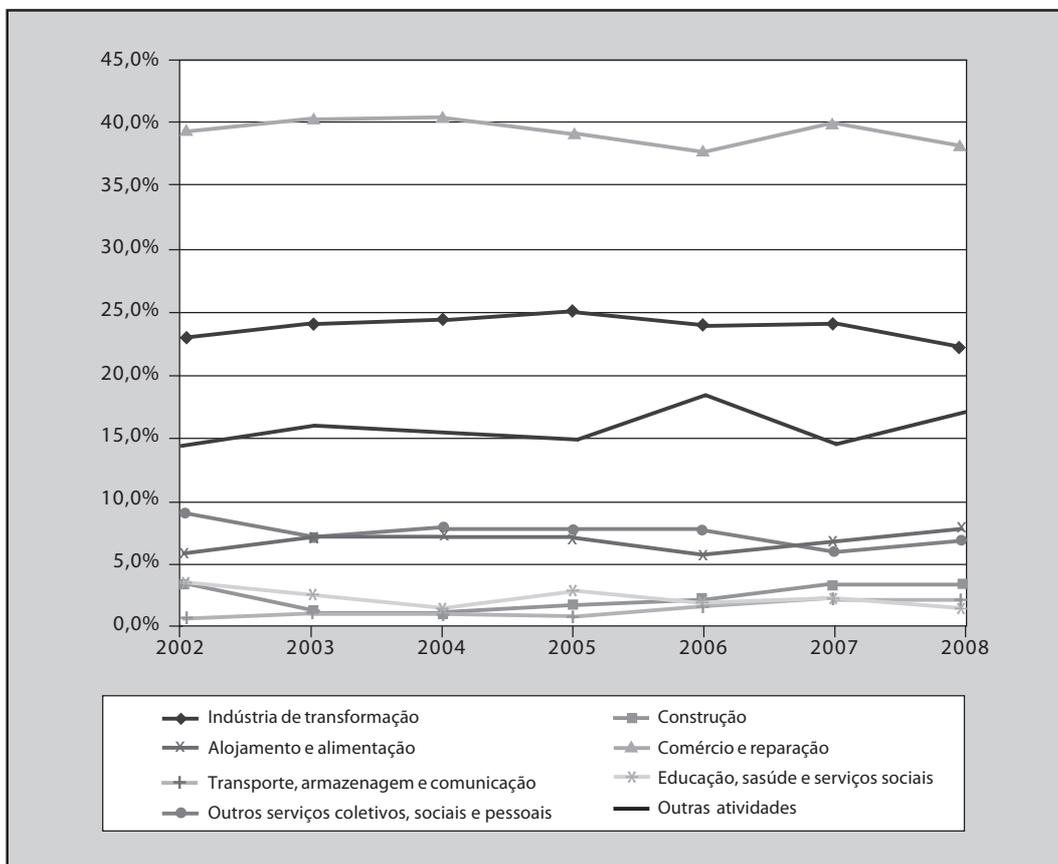
Fonte: BME, PNAD 2002 a 2008.

No gráfico acima, percebe-se que as mulheres estão concentradas em sua grande maioria no ramo da indústria da transformação e mesmo com uma trajetória de queda, esta atividade ainda é responsável pela participação de mais de 50% em 2008. As outras atividades com maior representatividade foram outros serviços coletivos, sociais e pessoais e comércio e reparação, sendo que esta última apresentou crescimento no período, aproximando-se dos 20% da participação total.

As demais atividades do trabalho por conta própria em domicílio feminino tiveram uma participação pequena e com pouca variação no período. Destas atividades, destacam-se educação, saúde e serviços sociais e alojamento e alimentação que apresentaram um pequeno crescimento a partir de 2005.

O gráfico 12 apresenta a distribuição do trabalho por conta própria em domicílio masculino por ramo de atividade no mesmo período de 2002 a 2008. Os resultados do gráfico apontam para uma distribuição mais homogênea e ampliada dos homens entre os ramos de atividade, com oito opções de atividades masculinas contra seis femininas. Destaque para o ramo do comércio e reparação que representou quase 40% do total masculino, embora tenha demonstrado uma tendência de queda em 2008.

Gráfico 12 — Distribuição do trabalho por conta própria em domicílio, masculino por ramo de atividade, Brasil



Fonte: BME, PNAD 2002 a 2008.

A indústria de transformação aparece como o segundo ramo de atividade com uma participação em torno dos 25% do total no período. O ramo outras atividades, que aparece como o último ramo da participação das mulheres, surge em terceiro para os homens com uma distribuição em torno dos 15% do total no período. Em seguida, aparecem outros serviços sociais e coletivos e alojamento e alimentação com uma participação superior a 5% do total.

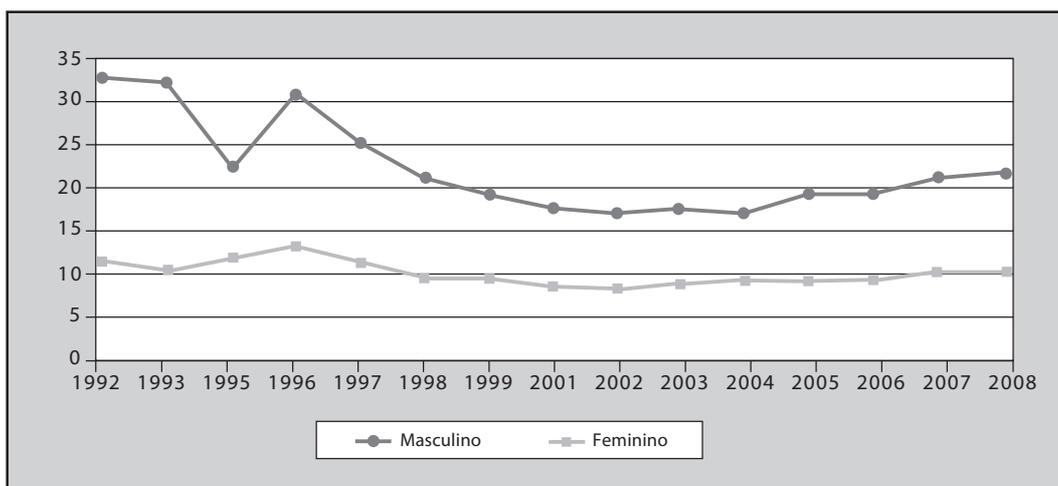
As demais atividades apresentam uma participação inferior a 5% do total cada; destaque para o ramo da construção que terminou o período em crescimento e não aparecia entre os ramos de atividades femininas, assim como o ramo de transporte, armazenagem e comunicação. Educação, saúde e serviços sociais aparecem como o ramo de menor participação do trabalho por conta própria em domicílio entre os homens no período.

Vale considerar que esta variável, ramo de atividade, reflete a divisão sexual⁽⁹⁾ do trabalho, na medida em que mais de 50% das mulheres estão inseridas na indústria da transformação, que inclui atividades têxteis, de costura e de vestuário, atividades tradicionalmente realizadas por mulheres. Os homens apresentam uma distribuição mais homogênea entre as classes com um perfil mais diversificado de ramos de atividade. 40% dos homens estão no ramo do comércio e reparação.

4.7. Contribuição à Previdência

O último gráfico trata da variável contribuição à Previdência⁽¹⁰⁾ apresentando a razão entre contribuintes sobre não contribuintes do trabalho por conta própria em domicílio no Brasil. Esta razão revela quantos contribuintes existiam para cada 100 não contribuintes. A comparação entre sexos mostra que os homens têm maiores chances de contribuir à Previdência do que as mulheres, pois apresentam razões mais próximas de 100, quando há um equilíbrio entre contribuintes e não contribuintes.

Gráfico 13 — Razão de contribuinte/não contribuinte do trabalho por conta própria em domicílio, por sexo, Brasil



Fonte: BME, PNAD 1992 a 2008.

O gráfico acima apresenta uma informação importante sobre uma categoria de trabalho considerada público-alvo de políticas públicas de incentivo à contribuição

(9) Atividades como conserto de eletrodomésticos, construção civil e comércio são vistas no Trabalho por Conta Própria em Domicílio masculino, ao passo que atividades tradicionalmente femininas como costura, montagens e serviços sociais e pessoais também espelham uma face da divisão sexual do trabalho.

(10) Trabalho principal, contribuição previdenciária: contribuição para instituto de previdência social pelo trabalho que a pessoa tinha na semana de referência. Contribuição para o INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) ou para Instituto de Previdência Social Estadual e Municipal.

previdenciária⁽¹¹⁾. No caso, as informações no gráfico revelam que após um período de forte declínio, de 1992 a 2001, percebe-se que a partir de 2002 houve um aumento contínuo na razão contribuintes/não contribuintes, demonstrando uma melhora na perspectiva previdenciária para o trabalho por conta própria em domicílio, no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscou-se analisar descritivamente o perfil sociodemográfico do trabalhador por conta própria em domicílio feminino e masculino no Brasil a partir da utilização dos microdados da PNAD de 1992 a 2008 no Banco Multidimensional de Estatísticas (BME). As variáveis sociodemográficas investigadas foram: faixa etária, condição no domicílio, cor ou raça, anos de estudo, rendimento mensal, ramo de atividade e contribuição à Previdência.

Primeiro, constatou-se empiricamente que o trabalho baseado em domicílio no Brasil em função da População Economicamente Ativa (PEA) é significativamente representado pela posição na ocupação por conta própria. Em 2008, quase 4% da PEA eram formados por trabalhadores por conta própria em domicílio. Constatou-se ainda que, embora a participação do trabalho por conta própria na PEA tenha caído no período de 1992 a 2008, a participação do trabalho por conta própria em domicílio no trabalho por conta própria aumentou.

Em seguida, com os resultados das razões de sexo, revelou-se que o trabalho por conta própria era uma ocupação significativamente masculina, mas que o trabalho por conta própria em domicílio era uma ocupação preponderantemente feminina. Por isso, a análise empírica a partir daí foi direcionada pela comparação das características sociodemográficas entre os sexos.

Pelos resultados da PNAD, as mulheres representam 73% do total do Trabalho por Conta Própria em Domicílio em 2008, elas apresentaram idade média inferior à masculina, com 45 anos, enquanto os homens apresentaram idade média de 46 anos, sendo que houve um envelhecimento desta força de trabalho com aumento de aproximadamente quatro anos, no período de 1992 a 2008, para ambos os sexos.

Com relação à cor e raça, nota-se que há uma distribuição semelhante entre os sexos, com domínio de brancos, pardos e pretos. Amarelos e indígenas têm participação insignificante no período. A participação masculina dos brancos, no período, tende a ser ligeiramente superior à participação dos pardos e pretos.

Para as mulheres, a participação entre brancas, pardas e pretas no trabalho por conta própria em domicílio é proporcional à população por cor notavelmente a partir de 2001.

(11) A Resolução n. 58, que entrou em vigor no dia 1º de julho de 2009, regulamentando o capítulo da Lei Complementar n. 128/08, criou a figura jurídica do Microempreendedor Individual, como uma categoria regulamentada, demonstrando uma preocupação do poder público em enfrentar os problemas causados pela informalidade do trabalho ao desenvolvimento socioeconômico do país. Esta medida representa um atrativo para que trabalhadores por conta própria formalizem seus negócios, constituindo-se em um caminho para o aumento das receitas previdenciárias (ARAUJO JR., 2010).

Pelos resultados empíricos, pode-se dizer que de 2,5% a 3,0% das três cores mais significativas são compostas por trabalhadoras por conta própria em domicílio no Brasil no período considerado.

A análise entre gêneros revelou um cenário em que as mulheres estão situadas em condições socioeconômicas piores do que as apresentadas pelos homens, possivelmente pela divisão de gênero do trabalho. As mulheres são majoritariamente cônjuges na condição no domicílio, ao passo que os homens são predominantemente chefes, quando desempenham o trabalho por conta própria em domicílio.

A condição no domicílio constitui-se em uma variável que mantém estreita relação com a divisão de gênero do trabalho e explica a superioridade de rendimento e escolaridade do trabalho masculino comparado ao trabalho feminino. O trabalho por conta própria em domicílio é exercido em sua maioria por mulheres que são cônjuges em seus domicílios. Este fato pode indicar que as mulheres assumem papel secundário no orçamento familiar e papel principal nos cuidados domésticos, sobretudo em um ambiente cultural propício para que haja a dicotomia socioeconômica entre homens chefes e mulheres cônjuges.

Os homens ganham em média mais do que o dobro e têm pelo menos um ano a mais de estudo do que as mulheres. Além disso, eles apresentam uma relação contribuinte/não contribuinte mais equilibrada ou menos exorbitante do que as mulheres que têm maior probabilidade de não contribuírem com a Previdência.

Com relação aos ramos de atividade, percebe-se que alguns setores que são dominados tradicionalmente por homens, como o ramo da construção e do transporte, armazenagem e comunicação, também ocorrem no trabalho por conta própria em domicílio. A principal atividade masculina é o ramo de comércio e reparação, mas há uma distribuição mais homogênea entre as atividades do que as mulheres que estão representadas em seis ramos de atividades contra oito dos homens.

Setores de serviços coletivos, sociais e pessoais são de domínio feminino, como ocorre tradicionalmente também no mercado de trabalho em geral. Porém, o fato mais marcante foi o predomínio absoluto do trabalho por conta própria em domicílio feminino no ramo da indústria da transformação que inclui atividades têxteis, de costura e de vestuário, indicando que essas atividades também são orientadas pela divisão sexual do trabalho.

Portanto, os resultados da análise empírica revelaram um cenário em que as mulheres estão situadas historicamente em condições socioeconômicas inferiores, possivelmente pela divisão sexual e de gênero do trabalho. O trabalho por conta própria em domicílio constitui-se principalmente por mulheres, cônjuges em seus domicílios, com aproximadamente 45 anos, recebendo um rendimento de até ½ salário mínimo mensal, algo em torno de R\$ 200 reais, com 4 a 7 anos de estudos, inseridas no ramo de atividade da Indústria de Transformação e não contribuintes ao Instituto de Previdência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO JR., Edmar Augusto Santos. *Análise sociodemográfica e de gênero do trabalho baseado em domicílio por conta própria no Brasil, 1992-2008*. 2010. 125 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais) — Programa de Pós-Graduação em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais, ENCE/IBGE, Rio de Janeiro.

BLASS, Leila Maria da Silva. Nas interfaces do trabalho, emprego e lazer. *Caderno CRH*. Salvador — BA, v. 17, n. 41, p. 67-78, ago. 2004.

BRUSCHINI, Cristina; RIDENTI, Sandra. Desvendando o oculto: família e trabalho domiciliar em São Paulo. In: SORJ, Bila. *O Trabalho Invisível. Estudos sobre trabalhadores a domicílio no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1993. p. 83-125.

EHLERS, Tracy Bachrach; MAIN, Karen. Women and the false promise of microenterprise. *Gender & Society*. University of Denver, v. 12, n. 4, p. 424-440, 1998.

FEIJÓ, Carmem. Aparecida; SILVA, Denise Britz do Nascimento; SOUZA, Augusto Carvalho. Quão heterogêneo é o setor informal brasileiro? Uma proposta de classificação de atividades baseada na Ecinf. *Revista de Economia Contemporânea*, Rio Janeiro, v. 13, n. 2, maio/ago. 2009.

GHAFUR, Shayer. Gender implications of space use in home-based work: evidences from slums in Bangladesh. *Habitat International* 26. Bangladesh, p. 33-50, 2002.

HIRATA, H.; PRÉTECEILLE, E. Trabalho, exclusão e precarização econômica. *Caderno do CRH: revista do Centro de Recursos Humanos da UFBA*, n. 37, Salvador — BA, jul./dez. 2002.

IBGE, SEBRAE. *Economia Informal Urbana 2003*. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/ecinf/2003/ecinf2003.pdf>>.

KON, Anita. As trabalhadoras por conta própria no Brasil: diferenças entre os gêneros. *Mulher e Trabalho*. Núcleo de Pesquisas e Publicações da Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2000.

LAVINAS, Lena; SORJ, Bila. *Trabalho a domicílio: novas formas de contratação*. Relatório para a OIT. Rio de Janeiro, 1998. p. 46.

OLIVEIRA, Jane Souto. Notas sobre a inserção socioeconômica de moradores da favela. In: ABRAMO, Pedro (org.) *A Cidade da Informalidade: O desafio das cidades latino-americanas*. FAPERJ, Rio de Janeiro, 2003.

OLIVEIRA, Lúcia Elena Garcia *et al.* O lugar do negro na força de trabalho. In: ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares. *Trabalho e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 1985.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. C177 Home Work Convention, 1996. Convention concerning Home Work. Geneva, 1996. Disponível em: <<http://www.ilo.org/ilolex/cgi-lex/convde.pl?C177>>.

_____. Women and Men in the informal economy: a statistical Picture. Employment sector. Geneva, 2002. Disponível em: <www.ilo.org/publics/english/employment/gens/download/women.pdf>.

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS (PNAD) 1992 A 2008, Disponível em: <<https://www.bme.ibge.gov.br/index.jsp>>.

TELLES, Edward. *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Fundação Ford, 2003.

VANDENBERG, Paul; SELVAKUMAR, Kanagarani. *The ILO's Home Work Conventions*. Labour Rights, CED DP — RIGHTS. Labour file, 1º de dezembro de 2006.

Recebido em 3 de novembro de 2010.

Aceito em 30 de abril de 2011.